

## ESPIRITUALIDADE E CIÊNCIA NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO<sup>1</sup>

Mário Antonio Sanches<sup>2</sup>

**Resumo:** A sociedade do conhecimento é a sociedade da diversidade e da complexidade: multiplicidade de atores e de tecnologias de informação. Nesse contexto, falar de espiritualidade é reconhecer a necessidade de diálogo com e entre diferentes saberes, sendo o diálogo entre teologia e ciências da natureza um dos mais necessários e urgentes. A falta de diálogo pode esconder uma perspectiva reducionista e etnocêntrica. Após a análise da relação religião e ciência, este trabalho sugere alguns pontos para se pensar a espiritualidade na sociedade da informação, estabelecendo um diálogo entre as características desta sociedade com a espiritualidade, mais especificamente, uma espiritualidade cristã.

**Palavras-chave:** Sociedade do conhecimento. Espiritualidade. Religião. Ciência.

### *Spirituality and science in the Knowledge Society*

**Abstract:** The Knowledge Society is a society of diversity and complexity: multiplicity of actors and information's technology. In this context, to talk about spirituality is to recognize the need of dialogue among different knowledge, being the dialogue of theology and natural science one of the most needed. The lack of dialogue can hide a reductionist and ethnocentric perspective. After the analysis of the religion and science relation, this paper suggest some points to think spirituality in an information society, establishing a dialogue of some characteristics of this society with spirituality, and more specifically with a christian spirituality.

**Keywords:** Knowledge Society. Spirituality. Religion. Science.

Falar de “sociedade do conhecimento” seria comparar com “uma sociedade do não-conhecimento”? Seria isso possível? Está-se aqui diante de uma questão semelhante à estudada por vários antropólogos e as críticas feitas às abordagens apressadas que dividiam as sociedades em primitivas e civilizadas, frias e quentes, não-complexas e complexas. Mesmo os que aceitam tais classificações percebem a dificuldade em fazê-las, como Gilberto Velho a respeito das sociedades complexas, onde ele afirma: “as fronteiras entre uma sociedade ‘não-complexa’ e uma complexa são sempre arbitrárias e problemáticas”<sup>3</sup>. Por isso vão ser explici-

<sup>1</sup> O artigo foi recebido 01 de julho de 2009 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer datado de 22 de setembro de 2009.

<sup>2</sup> Mário Antonio Sanches é doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia, São Leopoldo (RS), especialista em Bioética, professor de Teologia Moral e Bioética e diretor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-PR. Pesquisa nas seguintes áreas: Bioética e Teologia, Sexualidade e Reprodução, Relação Religião e Ciência. m.sanches@puopr.br

<sup>3</sup> VELHO, Gilberto. **Individualismo e sociedade:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 14.

tados alguns elementos críticos, antes de se aceitar o uso da expressão “sociedade do conhecimento”.

Uma das faces da diversidade é a diversidade de áreas do conhecimento humano: conhecimento científico, religioso, filosófico, artístico... A sociedade do conhecimento não pode ser preconceituosa, desvalorizando determinados saberes; nem reducionista, afirmando que um tipo de conhecimento explica sozinho toda a realidade. A diversidade pode ser vista como uma riqueza, e para isso é fundamental que as pessoas estejam abertas para a existência de valores diferentes dos seus. Isso implica a necessidade de dialogar com a diversidade cultural e religiosa, bem como com os diversos ramos do saber humano, com o objetivo de aprofundar a visão de mundo e adequá-la a novas descobertas e conquistas humanas. Defende-se neste trabalho que o diálogo entre religião e ciência, mais especificamente entre a teologia e as ciências biológicas é um dos mais urgentes em nossos dias, pois negar a diversidade de conhecimento é atentar contra a natureza humana.

Após enfatizar a necessidade de diálogo entre a teologia e as ciências da natureza, pois esse diálogo possibilita a construção de uma visão integradora da realidade, falar-se-á da importância da espiritualidade na sociedade do conhecimento. Há a convicção sobre a importância da ciência, e é a partir desse reconhecimento que se falará da relação entre espiritualidade e conhecimento.

## Sociedade do conhecimento

Afirmar que nossa sociedade é a “sociedade do conhecimento” pode dar a entender que outras sociedades não valorizam o conhecimento. Deste modo haveria o alinhamento com pensadores adeptos ao evolucionismo social, que defendiam que o pensamento evolui do mito à filosofia e depois à ciência, afirmando com isso que a sociedade ocidental moderna é a sociedade do pensamento científico, superior às outras sociedades não-ocidentais e do passado.

Essa visão de mundo não se sustenta desde a crítica de Boas<sup>4</sup> ao evolucionismo e desde os trabalhos de outros antropólogos, como o de Lèvi-Strauss em “O Pensamento Selvagem”<sup>5</sup>. As sociedades tachadas por alguns de “primitivas” cultivavam e cultivam a ciência, juntamente com a religião, a arte, a filosofia, a sabedoria... As posições e previsões de Auguste Comte de que o conhecimento científico positivista suplantaria o conhecimento teológico e metafísico fazendo-os desaparecer<sup>6</sup> não se verificaram e não são mais aceitas. Cada vez mais se percebe e valoriza a complexidade do conhecimento humano, em que suas múltiplas facetas convivem entre si, são simultâneas. Deve-se ser crítico do etnocentrismo e não se

---

<sup>4</sup> LÈVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967. p. 19.

<sup>5</sup> LÈVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1976.

<sup>6</sup> COMTE, Auguste. **O discurso sobre o espírito positivista**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

pode cair numa espécie de “geraçãotrismo”, ou seja, numa perspectiva que absolutiza ou supervaloriza os processos vividos pela própria geração atual. Cada geração presenciou transformações, e precisa-se estar atento para identificar os processos que se vivenciam, sempre ciente de que as transformações são contínuas.

A linguagem pode traír, por isso é necessária a crítica, para não se reproduzir um novo etnocentrismo. Não se acredita em saltos ou rupturas como se houvesse um claro divisor entre as “sociedades do conhecimento” e as “sociedades do não-conhecimento”, visto que há uma infinidade de situações e eventos que marca a história e possibilita novos avanços. O divisor dessas diferentes “épocas” seria o surgimento do rádio, ou o da televisão? Do computador de mesa ou do computador portátil? Do telefone fixo ou do celular? Da chegada da internet a uma sociedade ou somente quando mais da metade da população tiver acesso à internet? Quantas horas diárias de acesso à internet seriam necessárias para definir que alguém está inserido na “sociedade do conhecimento”? O uso de cada um desses itens ainda abriria muitas outras possibilidades, por exemplo, no caso de uso da internet: para estar na sociedade do conhecimento é necessário usar diariamente o e-mail ou precisa ser um viciado em *msn*? Basta navegar em *sites* de estudo e pesquisa ou é preciso ser frequentador de *blogs* e *orkut*? Basta ter seu Currículo na Plataforma Lattes ou é necessário ter uma página pessoal?

Percebe-se logo que definir “sociedade do conhecimento” é muito complexo, pois, se o critério para se inserir nessa sociedade for usar o celular, assistir a TV, ouvir rádio, ter um computador portátil, navegar na internet, acessar o *msn*, frequentar o *orkut*, ter seu *blog* pessoal... e fazer isso tudo diariamente, é bem provável que muitos estariam excluídos. E uma pessoa plenamente inserida nessa sociedade do conhecimento usualmente é, ao mesmo tempo, uma grande consumista. E se o critério for que 50% das pessoas de uma sociedade façam tudo isso para que essa esteja inserida na “sociedade do conhecimento”, então se pode concluir que se não está na “sociedade do conhecimento” e certamente nunca se estará, pois junto com a globalização da informação viria a globalização do consumo, fato esse insustentável em termos ecológicos, pois os recursos naturais do planeta entrariam em colapso.

Por outro lado, o simples fato de se poder questionar e afirmar que não há regularidade no uso de celulares, *laptops*, *msn*, *blogs* já é um indicativo de sinais dessa “sociedade do conhecimento”, pois esse conjunto de situações e equipamentos está exatamente relacionado à divulgação da informação, como possibilitador de conhecimento, e “o acesso à informação, mesmo que não se torne igualitário, melhora em toda parte do mundo”<sup>7</sup>.

Após essas reflexões, adere-se com ressalvas ao uso da expressão “sociedade do conhecimento”, sem a ingenuidade de querer definir quando se inicia esse processo, sem cair na tentativa dualista do “tudo ou nada”, de um “antes” ou de

---

<sup>7</sup> AKKARI, Abdeljalil. **Formação do educador na sociedade do conhecimento**. Disponível em: <<http://www.maristas.org.br>>. Acesso em: 30 jul. 2008.

um “depois” e sem o vício evolucionista de atribuir maior valor a uma ou outra sociedade. Pode-se assim avançar na reflexão, explicitando a posição teológica frente aos processos históricos, entendendo que toda a história transcorre perante Deus e que um passo dado influencia o outro, mas não determina a direção. Não aceitando o progresso linear, precisa-se estar atento aos processos que ocorrem frente a nossos olhos.

Um elemento claramente perceptível no momento é que a informação, e com ela a possibilidade do conhecimento, acontece com velocidade cada vez maior, por causa das “novas tecnologias de informação e comunicação”<sup>8</sup>. A velocidade torna-se uma das características de nossos tempos. A humanidade desenvolve-se por um processo contínuo de transformações – todas as gerações assistiram a mudanças –; a novidade que as gerações atuais presenciam é a velocidade com que essas transformações ocorrem. A sabedoria do passado já dizia que a vida é um processo e que “não se bebe a mesma água duas vezes”, pois o rio flui e a renovação é constante. Uma das novidades dos nossos dias é a velocidade ainda crescente com que a transformação ocorre e o impacto disso na produção de conhecimento. “É importante notar que a humanidade produziu nos últimos 50 anos, quantitativa e qualitativamente, mais conhecimentos do que durante os 50 séculos precedentes”<sup>9</sup>.

As pessoas são colocadas frente a processos de conhecimento cada vez mais complexos. Além da velocidade, diversificam-se os modos de transmissão da informação. Poder-se-ia ingenuamente pensar que os processos de conhecimento ocorrem fortemente marcados por padrões sociais, culturais e religiosos da sociedade do próprio indivíduo, e as dinâmicas de intercâmbio sociais, culturais e religiosos atingem os indivíduos quando esses estão formados e com identidade cultural já definida. Caso isso ocorra, está-se diante de uma comunidade que Tristram Engelhardt chama de “comunidades de amigos morais”<sup>10</sup>. Nessas comunidades, as dimensões de espaço e tempo são fatores que formam a uniformidade, e para “educar” uma criança basta o conselho da vovó: “não fale com estranhos”. Deste modo, a criança está “protegida”, e os mecanismos de influência sobre ela estão sob controle dos “amigos morais”.

No entanto, a diversificação de modos de transmissão de informação faz-nos reconhecer que nossos filhos estão sendo influenciados por padrões sociais, culturais e religiosos de diversas sociedades simultaneamente. “Uma coisa é certa: vivemos em uma sociedade que apresenta uma explosão de fontes de conhecimento e uma abolição das distâncias.”<sup>11</sup> Certamente ainda não se avaliou esse processo adequadamente e o seu impacto sobre a educação. Será que se tem consciência

---

<sup>8</sup> SATHLER, Luciano. **Uma sociedade do conhecimento como desafio de transformação**. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco>>. Acesso em: 29 ago. 2008.

<sup>9</sup> AKKARI, 2008.

<sup>10</sup> ENGELHARDT, JR. H. Tristram. **Fundamentos da bioética**. São Paulo: Loyola, 1998. p. 116.

<sup>11</sup> AKKARI, 2008.

de que o “retorno” que se está recebendo dos filhos está marcado por essa multiplicidade de atores? Ou ainda, imagina-se que eles estão sendo formados em uma comunidade de amigos morais? Acrescenta-se a isso a possibilidade de que a ação educativa esteja sendo captada pelo estudante como uma informação a mais, ajudando apenas a contribuir para “o mal do século: a ‘infoabundância’ – i. e., o excesso de informações”<sup>12</sup>.

Com as novas tecnologias de informação, com as transformações ocorrendo em maior velocidade, com a multiplicidade de processos de informação, os sujeitos são impactados por uma grande variedade de intersubjetividades e se envolvem numa rede de relações também crescente, sem condições de mapear adequadamente quem são seus interlocutores. O sujeito tem dificuldade em avaliar todas as influências às quais está se submetendo cotidianamente e passa a ser marcado por situações, condicionamentos e tendências que não compreende muito bem.

O conhecimento tem sido usado pela humanidade para alcançar objetivos diversos e não raramente para galgar degraus de poder e conseguir enriquecimento. A sociedade atual vê o conhecimento assumindo dimensões globais provocando um “deslocamento do poder”<sup>13</sup>. Isso significa a não-neutralidade do conhecimento, regularmente usado como mantenedor de privilégios e manipulador de processos. As transformações econômicas ocorridas no segundo semestre de 2008 – assumindo aspectos de crise econômica global – deixam bem claro que alguns atores, detentores de conhecimento privilegiado tiram vantagens para si, em detrimento da comunidade global. Nesse contexto é extremamente pertinente a afirmação de Tescarollo: “A mundialização dos mecanismos que servem a interesses meramente financeiros é um dos fatores certamente responsáveis pela degradação das condições da vida humana e da existência no planeta”.<sup>14</sup> Zeleza chama a atenção:

a trombeteada afirmação de que vivemos na era da globalização, quando, desvinculadas de todas as controvérsias, refere-se simplesmente à intensificação das conexões, contatos e comunicações internacionais, e ao crescimento de um mundo cada vez mais interdependente, integrado por novas tecnologias de informações e de comunicações.<sup>15</sup>

Na verdade, esse processo está carregado de controvérsias e contradições, e as informações estão sendo colocadas a serviço de alguns poucos em detrimento de uma grande maioria.

---

<sup>12</sup> AKKARI, 2008.

<sup>13</sup> SATHLER, 2008.

<sup>14</sup> TESCAROLO, Ricardo. **Missão educativa marista na sociedade do conhecimento**. Disponível em: <<http://www.maristas.org.br>>. Acesso em: 30 jul. 2008.

<sup>15</sup> ZELEZA, P. T. Conhecimento, globalização e hegemonia: produção do conhecimento no século XXI. In: UNESCO. **Sociedade do conhecimento X Economia do conhecimento**: conhecimento, poder e política. Brasília: SESI / UNESCO, 2005. p. 26.

## Relação religião e ciência

Aquilo que se define como o sentido da vida – campo predominante do conhecimento religioso – não pode ignorar o que se descobre nas outras áreas do conhecimento humano, sob pena de se ver colocado numa crise não apenas de conhecimento, mas de sentido, uma crise existencial. Se alguém entende que o primeiro ser humano surgiu de maneira absolutamente nova e pronta das mãos do criador há cerca de poucos milhares de anos, pode ser profundamente questionado pelas ciências, que apresentam cada vez mais provas da existência humana no planeta há mais de cem mil anos. E a espiritualidade, vista como o esforço de trazer para o cotidiano o encontro com Deus, não pode se dar sob uma visão de mundo desarticulada.

Uma espiritualidade aberta ao diálogo exige coragem e parte de uma visão transparente e otimista frente à própria existência: para a tradição cristã, o Deus a quem se encontra na espiritualidade é o mesmo que torna capaz de uma busca metódica das causas das realidades terrestres, ou seja, o Deus que fez o ser humano capaz de religião é o mesmo Deus que o fez capaz de ciência.<sup>16</sup> Com esse pressuposto a espiritualidade se torna exigente, pois o sentido da vida tem que ser, antes de tudo, coerente, fundado em bases sólidas e, portanto, não pode ser contraditório com conhecimentos, quando também coerentes e sólidos, oriundos de diferentes áreas do saber humano.

Acredita-se também que o diálogo da teologia com as ciências da natureza vai possibilitar que diferentes pessoas mantenham o sentido de suas existências, dado basicamente por sua fé religiosa, num diálogo franco com dados empíricos e comprovados por essas ciências. Entende-se, portanto, que as religiões que incentivam esse diálogo despertam em seus fiéis um justo e equilibrado respeito entre essas duas áreas do conhecimento humano. Para que isso ocorra é necessária uma abordagem que não ignore os conflitos.

Um dos conflitos mais presentes na relação entre teologia e ciências naturais é o conflito entre o materialismo científico e o fundamentalismo religioso. O equívoco das duas posições dá-se no fato de cada uma delas extrapolar seu próprio domínio e fazer afirmações além do que a metodologia de cada área possibilita, de modo que “o materialismo científico começa com a ciência, mas termina fazendo uma ampla afirmação filosófica, enquanto o literalismo bíblico parte da teologia para fazer afirmações a respeito de assuntos científicos”<sup>17</sup>. No materialismo científico, a ciência engole a religião; no literalismo bíblico, a religião engole a ciência.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> JULIATO, Ivo Clemente. **Parceiros educadores**. Curitiba: Champagnat, 2007. p. 129.

<sup>17</sup> SANCHES, Mário Antonio. O diálogo entre teologia e ciências naturais. **O mundo da saúde**. São Paulo: São Camilo, ano 31, v. 31, n. 2, p. 181, abr./jun. 2007.

<sup>18</sup> POLKINGHORNE, John. **Science and Theology – An Introduction**. London: SPCK/Fortress Press, 1998. p. 4.

No Ocidente, o maior conflito entre religião e ciência dá-se no debate entre criação e evolução. É claro que, se o debate ocorrer entre aqueles cientistas que defendem estritamente o materialismo científico e os religiosos adeptos do literalismo bíblico, então, sim, a situação de conflito se estabelece sem perspectiva de solução, como foi indicado num outro trabalho<sup>19</sup>. Isso porque o materialismo científico defende que a evolução da natureza se explica por causas totalmente naturais, entendendo isso como negação da existência e ação de Deus, enquanto que o literalismo bíblico defende que a criação, toda ela, surgiu pronta e acabada das mãos criadoras de Deus.

Sabe-se que essas posições extremistas – fundamentalismo e materialismo – não são as únicas possíveis e, felizmente, embora tenham ainda muita força, não representam mais a opinião dominante da maioria dos teólogos cristãos nem dos cientistas atuais. A teologia avançou, e muito, desde os tempos de Darwin. Por isso é chocante observar as dificuldades de algumas pessoas em dialogar com as ciências, apegando-se literalmente aos textos bíblicos, principalmente quando se tem conhecimento que teólogos, como Emil Brunner, já demonstravam, há mais de meio século, que essa posição radical é insustentável do ponto de vista da interpretação bíblica.

Brunner afirma que a pessoa que quer se “apegar firmemente à historicidade de Adão” está fazendo algo muito diferente daquilo que ela pretendia fazer. Ela pensa que está preservando a fé dos seus pais, mas na realidade está tentando incluir na figura moderna de Tempo e Espaço, um processo que pertence a uma figura de Tempo e Espaço bem diferente. Portanto, essa pessoa não é “conservadora”, mas quixotesca e reacionária, e está atentando ao impossível: combinar visões de Tempo e Espaço que não podem ser combinadas.<sup>20</sup>

Deveria ser bastante convincente e já claramente aceito que, para ser fiel à revelação do Deus da Bíblia, não se precisa limitar aos conhecimentos científicos das pessoas que a escreveram. Quem afirma que aceitar a fé bíblica é se apegar à visão de mundo que a ciência dos tempos bíblicos permitia está exatamente negando a possibilidade de se crer em Deus nos tempos atuais, visto que aquela visão é hoje insustentável.

Seria um equívoco entender que se pode, no entanto, abandonar o conceito de criação. Brunner insiste que só se pode falar de criação baseando-se na revelação.<sup>21</sup> Por isso é importante compreender a criação como um elemento básico da fé, sem querer transformá-la numa teoria científica. Aceitar a criação é aceitar que todos os seres existentes permanecem de fato perante Deus. Portanto, pela ação de Deus, cada ser passa a ter uma existência independente, embora limitada, pois a qualquer

---

<sup>19</sup> SANCHES, 2007.

<sup>20</sup> BRUNNER, Emil. **The Christian doctrine of creation and redemption**: dogmatics. London: Lutterworth Press, 1952. v. II, p. 49.

<sup>21</sup> BRUNNER, 1952, p. 12.

momento Deus pode deixá-lo voltar ao nada. Mas preservar o que foi criado não significa criar continuamente de novo.<sup>22</sup>

O que está sendo afirmado claramente na crença na criação são duas “asserções doutrinárias cristãs básicas a respeito do princípio. O mundo passou a existir como resultado de um ato livre de Deus. E Deus *criou* o mundo, e não gerou, ou juntou suas partes como faria um carpinteiro”<sup>23</sup>. Afirmar-se assim a liberdade de Deus, combatem-se as ideias que tentariam impor limites a Deus, e, por outro lado, mostra-se que a criação foi uma decisão de Deus, realizada somente por Deus e por ele mesmo, pela sua palavra<sup>24</sup>. A doutrina da criação afirma que Deus criou tudo o que existe do nada, *ex nihilo*, como afirmou Agostinho: “Nada havia, fora de Vós, com que pudésseis criar, ó Trindade Una e Unidade Trina. Do nada, pois, fizestes o céu e a terra [...]”<sup>25</sup>.

O conceito de criação, portanto, é um dado teológico, explicita uma visão da realidade e coloca o mundo como criação. Sendo criado por Deus, o mundo é bom, como afirma Niebuhr: “Este mundo não é Deus, mas não é mal porque não é Deus. Sendo criação de Deus, ele é bom”<sup>26</sup>. O conceito de criação está exatamente defendendo uma determinada posição frente à natureza e às coisas. Contra os que afirmavam a existência de uma matéria preexistente limitando a criatividade de Deus, o conceito de *ex nihilo* afirma que Deus é a fonte da matéria como também da forma. Contra a fala depreciativa dos gnósticos a respeito do mundo material, afirma a bondade da ordem criada. Contra o panteísmo, afirma que o mundo não é divino, ou parte de Deus, mas distinto dele. Contra a ideia de que o mundo é uma emanção de Deus, feito de substância divina modelando suas características, afirma que Deus é transcendente e essencialmente diferente do mundo.<sup>27</sup>

Fica claro, portanto, que aceitar o conceito bíblico de criação não é defender uma maneira de como as coisas surgiram na face da terra, mas afirmar uma determinada posição frente ao mundo e a Deus, uma posição de quem constrói o sentido da existência baseado na sua convicção de pertencer a Deus e na permissão de que Ele esteja presente e atuante em todos os setores da realidade.

“Criação” é uma palavra que se refere ao todo do mundo quando visto como pertencente a Deus, e a doutrina da criação é uma elaboração de como compreendemos o mundo quando permitimos a nossa compreensão de Deus permear e dominar nosso pensamento.<sup>28</sup>

---

<sup>22</sup> BRUNNER, 1952, p. 34.

<sup>23</sup> HEFNER, J. Philip. A Criação. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Eds.). **Dogmática cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 1990. v. I, p. 303.

<sup>24</sup> BRUNNER, 1952, p. 11.

<sup>25</sup> AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 8. ed. Porto: Apostolado da Imprensa, 1975. p. 327.

<sup>26</sup> NIEBUHR, Reinhold. **The Nature and Destiny of Man** – a Christian Interpretation. London: Nisbet, 1949. p. 13.

<sup>27</sup> BARBOUR, Ian G. **Religion in an age of science**. London: SCM Press, 1990. p. 131.

<sup>28</sup> HEFNER, 1990, p. 302.

O conceito de criação, como ponto básico da fé bíblica, portanto, não exclui nem contradiz a evolução como teoria científica. Na relação entre esses dois termos, pode-se dizer que o conceito de criação é mais geral, como afirma Overhage, pois de fato tudo o que foi feito pela evolução supõe sempre algo que existia já por criação. Portanto, a evolução significa uma transformação do criado, em virtude de forças imanentes, enquanto criação supõe que nada existia previamente.<sup>29</sup>

No entanto, o dado da criação nunca pode ser provado. Permanece como o segredo de Deus, um artigo de fé, na direção do qual o fato da evolução criativa aponta, mas nunca a contém.<sup>30</sup> Brunner deixa bem claro que a evolução é artigo da ciência e pode ser provada com base em posições empiricamente estabelecidas, enquanto a criação é um artigo da fé, que exige crença para ser afirmada. O importante é que ambas podem ser aceitas sem contradição, tanto pelo cientista como pelo religioso, ou melhor: pelo cientista que crê ou pelo religioso que busca uma visão científica do universo. Os conceitos de criação e evolução, portanto, não só podem ser inter-relacionados, como na verdade se explicam mutuamente. Deste modo, Brunner afirma que a criação é o pano de fundo invisível da evolução, e a evolução é o primeiro plano da criação. A fé sozinha capta o aspecto invisível; a ciência capta seu aspecto visível. Evolução é o mecanismo da criação, e criação é a fonte espiritual e a causa final da evolução.<sup>31</sup>

Chega-se, assim, a um ponto importante no diálogo entre religião e ciência, no qual criação e evolução passam a ser compreendidas como inter-relacionadas e até mesmo interdependentes. Isso se torna o modo de responder ao “grande desafio que se coloca para a fé e para a teologia que é compreender como se pode afirmar que a história deste mundo se desdobra dentro da vontade e orientação de Deus”<sup>32</sup>. Overhage indica que se pode dizer que a imagem do mundo exibida pela moderna biologia evolucionista está mais conforme com a fé cristã do que a invariabilidade das espécies.<sup>33</sup> Quanto mais se aprofunda no conhecimento científico, o cristão pode aceitar mais profundamente a sua fé. Quanto mais se leva em conta que as diferentes formas de vida não surgiram no mesmo tempo, que é o que nos sugere o conhecimento científico atual, mais inevitavelmente se chega ao reconhecimento de que Deus não criou tudo de uma vez. Ele está continuamente criando algo novo.<sup>34</sup>

---

<sup>29</sup> OVERHAGE, Paul. El Problema de La Hominizacion. In: RAHNER, K.; OVERHAGE, P. **El problema de la hominizacion**: sobre el origen biológico del hombre. Madrid: Cristandad, 1973. p. 179.

<sup>30</sup> OVERHAGE, 1973, p. 35.

<sup>31</sup> BRUNNER, 1952, p. 40.

<sup>32</sup> HEFNER, 1990, p. 342.

<sup>33</sup> OVERHAGE, 1973, p. 180.

<sup>34</sup> BRUNNER, 1952, p. 34.

## Espiritualidade na sociedade do conhecimento

Sem querer conceituar espiritualidade, nem esgotar todo o seu sentido, pode-se afirmar que ela pode ser entendida como a capacidade de viver cotidianamente a dimensão transcendente da existência, ou seja, ter um parâmetro transcendente que relativiza os processos, os produtos e o próprio conhecimento. Na perspectiva cristã, isso significa trazer para o cotidiano a experiência da “face a face” com o Deus Triúno e, a partir dessa visão, reler todas as coisas que são feitas, todas as relações e todos os projetos, pois o “caminho da espiritualidade deve levar ao dia-a-dia”<sup>35</sup>. Veja-se, portanto, como o desenvolvimento da espiritualidade se torna um elemento fundamental no processo de formação humana, pois a espiritualidade “une sabedoria e conhecimento”<sup>36</sup>.

Falou-se acima do necessário respeito à diversidade e do reconhecimento da complexidade. As pessoas – na sociedade do conhecimento – precisam ser sujeitos cada vez mais conscientes de que não vão conseguir saber tudo e que todo conhecimento adquirido deverá ser continuamente complementado; precisam ter valores próprios, sem se fechar para os valores dos outros. Essas questões estão diretamente vinculadas a aspectos fundamentais da vida espiritual: o autoconhecimento, a humildade e a adoração.

Um bom ponto de partida para a caminhada espiritual é o autoconhecimento. É necessário indagar ao ser humano, na era do conhecimento, se ele se conhece. Muitas ciências modernas podem nos auxiliar nessa tarefa, mas isso não substitui o trabalho individual de introspecção e silêncio, pois, em termos de espiritualidade, “cada um deve beber em seu próprio poço”<sup>37</sup>. Ficar só e em silêncio é uma recomendação inicial de inúmeras escolas de espiritualidade e, certamente, o passo mais difícil de ser dado por uma pessoa da sociedade da informação que está continuamente “ocupada”, “conectada”, às vezes até isolada, mas nunca sozinha. Os penitentes do passado – para crescer espiritualmente – abstinham-se de carne ou praticavam longos jejuns. O crescimento espiritual hoje recomenda um gesto ainda mais heróico: desconectar-se e assim se manter por um certo tempo. Um mestre de espiritualidade de nossos dias recomenda: “O que precisamos não é de aceleração, mas de desaceleração”<sup>38</sup>.

Quem tem o conhecimento de si sabe de suas fragilidades e limites e, realisticamente, também de seus valores, e se coloca mais facilmente na trilha da humildade e a uma boa distância da arrogância. A humildade não é estéril, mas fértil. Reconhecendo os próprios limites, alguém se abre para a cooperação e partilha. Essa capacidade é extremamente necessária para o trabalho em equipe, para reconhecer

---

<sup>35</sup> GRÜN, Anselm. **O livro das respostas**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 166.

<sup>36</sup> JULIATO, 2007, p. 130.

<sup>37</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. **Beber no próprio poço**. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 51.

<sup>38</sup> GRÜN, Anselm. **Não esqueça o melhor**. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 14.

os valores dos outros, para ouvir o que os outros têm a dizer. Neste sentido, uma pessoa humilde saberá partilhar, contribuir, dar de si, sem a arrogância de quem julga tudo saber. A humildade tempera nossa partilha e nossa acolhida, nosso dar e nosso receber com a exata medida de quem sabe que todos somos co-humanos, membros da comunidade humana e corresponsáveis por ela. Qual o espaço para a humildade no mundo das tecnologias que rapidamente se supera? A humildade – conhecimento dos próprios valores e aceitação dos limites – é um ingrediente indispensável na receita que forma o cidadão de hoje.

O autoconhecimento e a humildade podem levar ao reconhecimento do limite pessoal e comunitário. A adoração não é um gesto de excentricidade, sem vínculo com o cotidiano, mas pelo contrário, é a atitude mais coerente de quem tem uma reta visão da realidade. É se colocar frente ao Absoluto, ciente de que sem Ele as pessoas são, individual e comunitariamente, relativas; posicionar-se diante do Eterno, ciente de que sem Ele as pessoas são provisórias; é prostrar-se diante do Transcendente profundamente convencido de que é dele que se recebe a plenitude; é permitir que o tempo presente seja santificado, permitindo que ele sinta “nostalgia e expectativa da eternidade”<sup>39</sup>. A exposição diária ao diferente, ao diverso e ao complexo – tão alardeada pelas novas tecnologias de informação – pode facilitar na pessoa a atitude de adoração contemplativa: a unidade será alcançada se a diversidade não for suprimida; a simplicidade será atingida se a complexidade for compreendida; o diferente será respeitado se ele for visto como complementar.

As pessoas na era da informação precisam ser criativas, tendo a consciência de que a realidade pode ser continuamente plasmada, transformada, reinterpretada, mas precisam também ter uma visão crítica que não confunda velocidade com descontinuidade, nem novidade com ruptura. Sem espiritualidade há o risco de se absolutizar o presente, o agora, o já – promove-se o imediatismo. Os sistemas binários da informática são herdeiros da lógica aristotélica e a genômica lança mão da linguagem dos mitos para se fazer compreender<sup>40</sup>, ou seja, olhar apenas o presente não permite enxergar a realidade inteira. É muito interessante pensar a espiritualidade neste contexto de pressa e de criatividade, pois uma espiritualidade saudável leva ao engajamento temperado por prudência, a uma ação temperada por contemplação, à competência temperada pela simplicidade.

A prudência, na perspectiva cristã, não pode ser confundida com medo nem com leniência, que levam a diminuir necessariamente o ritmo do empreendimento. Em Lucas (14.28-33), Jesus critica aquele que pretende construir uma torre e não se sentou “para calcular as despesas”. Surpreendentemente, essa passagem não é concluída com bons conselhos sobre planejamento, mas com um chamado radical

---

<sup>39</sup> FORTE, Bruno. O tempo esplendor de Deus e a parada como experiência espiritual. **Teocomunicação**. Porto Alegre: PUC-RS, v. 34, n. 146, p. 779, dez. 2004.

<sup>40</sup> SANCHES, Mário Antonio. Origens – uma perspectiva mitológica. **Scientific American Brasil** – História 7. São Paulo: Dueto, p. 8-15, 2007.

a se tornar discípulo. Deste modo, a prudência cristã não é uma virtude que leva a andar devagar, a agir com cuidado, a fazer poucas coisas, mas a zelar para que se abra mão dos empreendimentos que são apenas “nossos”, caso contrário Jesus diz que “não pode ser meu discípulo”. A prudência cristã não está preocupada com o ritmo das ações, mas com a direção. Imprudente não é o que faz muito, mas o que não constrói na perspectiva do reino de Deus.

Deste modo, a prudência cristã não orienta quanto ao fazer pouco ou muito, mas a ser vigilante para que cada ação torne a gente ainda mais discípulos do grande Mestre. Por isso a tradição espiritual cristã recomenda o equilíbrio entre ação e contemplação<sup>41</sup>, pois é a contemplação – ato de olhar permanentemente para o Senhor – que vai possibilitar que toda ação ocorrerá também perante ele. Não significa apenas agir um pouco e parar um pouco – por mais aconselhável que isso seja –, mas fazer tudo isso “de olho” no Senhor. Não como um servo que teme uma reprimenda, mas como uma amante que se realiza na alegria do amado.

Da prudência ativa e contemplativa nasce a simplicidade. Simplicidade cristã não pode ser confundida com falta de competência, nem simples ausência de sofisticação, mas nasce da prudência – só agir na perspectiva do reino de Deus –, e da contemplação – vigilância contínua para que a ação não assuma outro rumo. A ação cristã precisa ser feita com simplicidade, realizada com competência e com objetivo único: o reino de Deus. O contrário de simplicidade, no sentido cristão, não é complexidade, mas duplicidade ou dubiedade. O agir não pode ser duplo, no sentido de “servir a dois senhores” (Lc 16.13); nem dúbio, no sentido de ter falta de clareza quanto aos objetivos. A simplicidade cristã não tem medo da velocidade, da criatividade nem da complexidade, mas rejeita a falsidade, a duplicidade, a ambiguidade. A falta de simplicidade na ação recebe de Jesus um alerta: “Nem todo aquele que me diz ‘Senhor, Senhor’ entrará no reino dos céus” (Mt 7.21). E os recursos que deveriam estar a serviço do reino podem estar sendo desperdiçados ou sendo contraditoriamente usados para perpetuar a injustiça, o não-reino.

Também foi indicado acima que a sociedade do conhecimento exige que se seja um ser de múltiplas relações: capaz de lidar com os outros, respeitar os valores dos outros, acatar ideias dos outros, complementar seu conhecimento com conhecimento dos outros. Esta é uma sociedade de redes complexas, na qual não se consegue mapear adequadamente com quem se relacionar dada a diversidade de atores; a pessoa é impactada por uma grande variedade de intersubjetividades. A questão das relações coloca a pessoa num ponto crucial da realidade humana, e a experiência tem demonstrado que as relações se deterioram sem o fortalecimento da vida espiritual.

A falta de espiritualidade pode complicar muitas situações em que as relações humanas estão em jogo. Portanto a falta de espiritualidade ajuda a construir

---

<sup>41</sup> GRÜN, Anselm. **O livro das respostas**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 186.

os seguintes cenários: construção de sujeitos sem identidade – que participam do processo intersubjetivo sem a consciência de sua subjetividade; a dificuldade em lidar com o sucesso – transforma esse momento rotineiro em lenha para um fogo de vaidades; a resistência em aceitar o sucesso do outro – e transforma a competitividade saudável numa guerra suicida; o não saber perder – qualquer pequeno fracasso aciona o derrotismo desenfreado; o não saber criticar – e transforma esse momento propício ao crescimento em oportunidade para espezinhar e destruir; o não aceitar críticas – elas serão necessariamente vistas como injustas, pois estariam apontando para as imperfeições de alguém que se julga perfeito. A sociedade do conhecimento é a sociedade das relações: sem espiritualidade, perde-se a relação com o Ser Transcendente; sem essa relação maior bem desenvolvida, as outras correm o risco de se deteriorar.

Esse tema não permite conclusões, mas indica que o cristão que busca desenvolver uma espiritualidade, entendida como a vivência cotidiana do encontro com Jesus de Nazaré, capaz de acolher e iluminar a vida e os contextos atuais, tem muitos desafios: precisa conciliar firmeza com tolerância; assumir a defesa de seus princípios e o respeito à diversidade; crescer na capacidade de preservar o dado fundamental da fé sem reproduzir visões de mundo inconsistentes com a ciência atual; valorizar a contribuição de cada ramo específico do conhecimento sem perder a visão global da realidade; falar apaixonadamente da beleza da própria fé sem a arrogância dos que afirmam sempre ter certeza; amar a vida e cada ser vivo, exatamente porque ama a própria vida e se entende como um ser vivo entre outros; crescer quotidianamente na capacidade de se relacionar com quem está próximo sem esquecer o compromisso com a globalidade do planeta; viver intensamente o relacionamento com Cristo sem condenar os que não creem nele, mas convicto que esse é o seu principal tesouro. Por fim, nas palavras de Congar, é necessário que o ser humano hoje “tenha uma interioridade, uma profundidade, na qual ele seja ele mesmo; onde encontre e viva uma vida que seja sua”.<sup>42</sup>

Um cristão na era do conhecimento defende que a espiritualidade está para o conhecimento como o sal para o alimento. Sem espiritualidade, o conhecimento pode virar saber sem sabor; teoria sem sabedoria; conexão sem nexos; *download down*; internet sem *link*; e – aplicando à educação – o estudante corre o risco de não receber dos docentes aquilo de que ele mais precisa: um sentido transcendente para a vida.

## **Referências bibliográficas**

AGOSTINHO, **Confissões**. 8. ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1975.  
AKKARI, Abdeljalil. **Formação do Educador na Sociedade do Conhecimento**. Disponível em: <<http://www.maristas.org.br>>. Acesso em: 30 jul. 2008.

---

<sup>42</sup> CONGAR, Yves M. J. **Se sois minhas testemunhas**. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 19.

- BARBOUR, Ian G. **Religion in an age of science**. London: SCM Press, 1990.
- BRUNNER, Emil. **The Christian doctrine of creation and redemption**: dogmatics. London: Lutherworth Press, 1952. v. II.
- COMTE, Auguste, **O discurso sobre o espírito positivista**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- CONGAR, Yves M. J. **Se sois minhas testemunhas**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- ENGELHARDT, JR. H. Tristram. **Fundamentos da bioética**. São Paulo: Loyola, 1998.
- FORTE, Bruno. O tempo esplendor de Deus e a parada como experiência espiritual. **Teocomunicação**. Porto Alegre: PUC-RS, v. 34, n. 146, p. 771-782, dez. 2004.
- GRÜN, Anselm. **O livro das respostas**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GRÜN, Anselm. **Não esqueça o melhor**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- HEFNER, J. Philip. A Criação. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Eds.). **Dogmática cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 1990. v. I, p. 277-362.
- JULIATO, Ivo Clemente. **Parceiros Educadores**. Curitiba: Champagnat, 2007.
- LÈVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- LÈVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- NIEBUHR, Reinhold. **The Nature and Destiny of Man** – a Christian Interpretation. London: Nisbet, 1949.
- OVERHAGE, Paul. El Problema de La Hominizacion. In: RAHNER, K.; OVERHAGE, P. **El problema de la hominizacion**: sobre el origen biológico del hombre. Madrid: Crisandad, 1973.
- POLKINGHORNE, John. **Science and Theology** – An Introduction. London: SPCK/Fortress Press, 1998.
- SANCHES, Mário Antonio. O diálogo entre teologia e ciências naturais. **O mundo da saúde**. São Paulo: São Camilo, ano 31, v. 31, n. 2, p. 179-186, abr./jun. 2007.
- SANCHES, Mário Antonio. Origens – uma perspectiva mitológica. **Scientific American Brasil** – História 7. São Paulo: Duetto, p. 8-15, 2007.
- SATHLER, Luciano. **Uma sociedade do conhecimento como desafio de transformação**. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco>>. Acesso em: 29 ago. 2008.
- TESCAROLO, Ricardo. **Missão Educativa Marista na sociedade do conhecimento**. Disponível em: <<http://www.maristas.org.br>>. Acesso em: 30 jul. 2008.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e Sociedade**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- ZELEZA, P. T. Conhecimento, globalização e hegemonia: produção do conhecimento no século XXI. In: UNESCO. **Sociedade do conhecimento X Economia do conhecimento**: conhecimento, poder e política. Brasília: SESI / UNESCO, 2005.